

BRINCAR DE SER: ESTÁ LANÇADO O JOGO DE IDENTIDADES INSTIGADO PELO DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES

Lúcia de Lourdes Monteiro Costa(*)

RESUMO:

O estudo proposto pretende analisar o diálogo entre gerações presente em "O menino que brincava de ser" (2000) de Georgina da Costa Martins, que perpassa pela questão de como são construídas as identidades de gênero. A relação da personagem Dudu com seu pai e especialmente o diálogo do menino com sua avó, passa pela negociação entre subjetividades e alteridades, que como tal, implica na construção de sua identidade. Arelados ao pensamento de alguns estudiosos da pós-modernidade a exemplo de Hall, Bauman, Foucault, Guacira Louro, Kaufmann, entre outros, objetivamos encontrar subsídios para entabular nossa discussão. Vale salientar que nesta narrativa, tem-se a história de um garotinho de seis anos, chamado Dudu, que "gostava muito de brincar de ser, brincava todos os dias na escola. Aliás, acho que foi ele quem inventou essa brincadeira" (MARTINS, 2000, p.04). Suas personagens favoritas são heróis e heroínas dos livros de histórias, das revistas em quadrinhos e dos filmes da TV. Isto não agradava nem um pouco a seus pais, que já haviam questionado a professora dele sobre o comportamento do filho. Na verdade, Dudu gostava de brincar de ser "menina", o que era totalmente inaceitável a sua família, com exceção de sua avó materna, que surge como a "redentora" do menino, aquela que o vai entender e procurar um meio de "solucionar" o problema. Porém, "brincar de ser" nem sempre é compreendido pelos adultos e se observa claramente na narrativa, o diálogo conflituoso entre gerações, criando uma grande polêmica sobre as brincadeiras criadas por Dudu. O que, por sua vez, nos proporciona uma reflexão sobre as relações estabelecidas entre as diferentes gerações.

PALAVRAS-CHAVE: diálogo entre gerações, identidade, gênero e pós-modernidade.

* Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As várias mudanças observadas em nossa sociedade, nos dias de hoje, sobretudo, no que se refere ao “modo de estar” no mundo e, conseqüentemente, ao “modo de relacionar-se com o outro”, nos conduz à reflexões antes, inimagináveis. É certo que, tais mudanças não aconteceram da noite para o dia, elas ocorreram ao longo do desenvolvimento da humanidade e nos impulsionam a repensar, a refletir e, acima de tudo, a redimensionar nossos valores bem como nossas atitudes em relação ao nosso semelhante. Estas mudanças e transformações observadas nas sociedades ditas “modernas” têm contribuído, segundo Hall (2002), para a descentralização dos sujeitos do seu lugar sociocultural, supostamente estável, e de suas identidades construídas secularmente. Certas referências culturais de raça, classe, nacionalidade e *gender*, marcadas pelo que é “certo”, pelo que é “bom” e “aceitável” para um determinado corpo social, aos poucos, vão sendo substituídas por novos discursos, novas práticas e novos conhecimentos que desestabilizam os sujeitos e provocam o seu deslocamento.

Culturalmente, também, estas mudanças e transformações acarretam modificações visíveis nas relações interculturais, aquelas que ocorrem entre pessoas ou grupos sociais de culturas diferentes; nas relações político-sociais, aquelas que ocorrem entre instituições diferentes e entre pessoas ou grupos sociais de níveis diferentes; nas relações interpessoais e até na organização familiar. Porém, sendo a família um sistema complexo de relações, onde seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento, ela tem um papel fundamental e é o lugar onde se desenvolvem as estruturas psíquicas, onde a criança forma a sua identidade e desenvolve o seu emocional. Não é redundante afirmar que a família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade. Por isso, a família também pode ser considerada um ciclo de vida em interação com as mudanças sociais e observa-se que são exigidos dos atores sociais que compõem a família, como por exemplo: pais, mães, irmãos, avós, tios, etc; novas formas de se posicionarem, e de enfrentarem os desafios, principalmente, frente ao processo de formação, desenvolvimento e educação de jovens e crianças.

Nesse sentido e sendo realmente um fato, estas mudanças e transformações são claramente observadas através da cultura; e, certamente, somos direcionados à seguinte indagação: Como então se dá o processo de apreensão da cultura a qual pertencemos? É certo que, ao nascer, recebemos os ensinamentos necessários para o nosso crescimento e desenvolvimento, em primeiro lugar, da nossa família e parentes

mais próximos; depois, das famílias vizinhas e dos amigos; prosseguindo, os ensinamentos nos chegam através de espaços mais amplos como: a escola, a igreja, a comunidade, o bairro, o povoado ou a cidade, o país; por fim, aprendemos também do mundo através dos meios de comunicação e dos meios tecnológicos de que dispomos. Todo esse conjunto constitui a paisagem social e cultural que Albó (2005) chama de “matriz cultural” e é o que torna possível a vida e o desenvolvimento do ser humano. Porém, como o ser humano, a cultura é viva, isto quer dizer que a cultura é dinâmica, que também muda com o passar do tempo e que acompanha o desenvolvimento da humanidade.

Atualmente, percebe-se que o advento da globalização vem promovendo em todo o mundo a massificação cultural, ou seja, culturas são entrelaçadas e permeiam as mais longínquas e diferentes sociedades, no sentido de transformarem as reações e a conduta dos indivíduos que as integram. Este fato evidencia-se claramente nas roupas, nos cortes de cabelo, nos calçados, nos automóveis, na alimentação, na música, na linguagem, nos ritos, etc. Esses fenômenos ocorrem em qualquer cultura, e mais uma vez recorrendo a Albó (2005), ele afirma que esse é um processo de “aculturação”. O que não corresponde à identidade cultural, que, segundo Hall (2002), é sociocultural e torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Dessa forma, a identidade do sujeito pressupõe que ele ocupe diferentes posições na sociedade contemporânea, tais como: identidade profissional, identidade religiosa, identidade de gênero, identidade étnica, entre outras. Assim, a identidade é percebida como fragmentária e contraditória, uma vez que tem sofrido um processo de descentramento, o que propicia a sua multiplicidade, dependendo do papel social desempenhado pelo sujeito. Nesse processo, emerge uma sociedade complexa e diferenciada, composta por sujeitos múltiplos em virtude da pluralidade cultural vivenciada, na qual a idéia moderna de cultura está associada ao conceito de diversidade, passando a reunir diferentes grupos que buscam seu espaço social e geográfico, sua identidade social e cultural, a exemplo dos grupos: étnicos, religiosos, sexuais, políticos, regionais, etc. As experiências sociais e culturais vivenciadas pelos sujeitos podem apontar perspectivas de entender a realidade observada e a forma como os indivíduos lidam com seus papéis na sociedade. O que nos lembra as palavras de Crippa (1975): “uma cultura nasce no momento em que se inaugura uma nova possibilidade de ser, em que um novo sentido da realidade é fixado por um poder suficientemente forte e poderoso para garantir o empreendimento humano”.

Destarte, em tempos de mudanças, parte-se do pressuposto de que é fundamental a compreensão e a adequação em torno das divergências de opiniões e valores, que atualmente se apresentam através das mais variadas relações. Fato que, de acordo com o objetivo do estudo proposto, nos leva a observar de maneira criteriosa como atualmente se estabelecem as relações entre diferentes gerações, que embora inseridos numa mesma cultura, por si só apresentam-se como grupos diferenciados e que inevitavelmente enfrentam os mais diversos desafios. Entre eles, podemos evidenciar a difícil tarefa de estabelecer um diálogo profícuo a ponto de proporcionar aos envolvidos, momentos prazerosos de aprendizagem e crescimento. O diálogo aqui entendido não apenas como o fato de que ele existe quando duas ou mais pessoas estão juntas conversando, interagindo uma com as outras; mas especialmente, quando as pessoas estabelecem uma interação em que se consideram iguais nos direitos, preservam suas diferenças, suas peculiaridades, respeitam-se mutuamente e reconhecem no outro alguém digno de lhes ouvir e demonstram sensibilidade para compreender os problemas.

A literatura constitui campo fértil, no qual podem acontecer os vários discursos. Segundo Cavalcanti (2002), “ela não diz apenas do outro, mas do outro em nós, e ainda sugere uma busca de reflexão, na qual ler significa questionar o mundo e deixar-se questionar por ele”. Corroborando este pensamento, escolhemos a narrativa literária **O menino que brincava de ser** (2000) de Georgina da Costa Martins, objetivando através da análise de alguns diálogos entre gerações presentes na referida narrativa, proporcionarmos algumas reflexões sobre as relações estabelecidas entre as diferentes gerações e sobre como estas relações podem interferir na maneira como são construídas as identidades de gênero.

1. Visitando a obra literária: o diálogo¹ entre gerações e as questões de gênero

Toda criança adora brincar. Qualquer adulto é capaz de lembrar algum tipo de brincadeira, que gostava quando era criança, como por exemplo: cantiga de roda, de uma história contada ao pé do ouvido pela sua mãe, de sua coleção de figurinhas, da descoberta de poder construir seus brinquedos, do pião rodando, de usar a

¹ A referência à obra, quando da apresentação dos diálogos entre gerações analisados, será marcada abreviadamente pelas letras iniciais da obra em estudo.

imaginação e poder ir aonde queria, fazer o que queria e ser o que queria. Pois é, Dudu também é assim: "Dudu gostava muito de brincar de ser, brincava todos os dias na escola. Aliás, acho que foi ele quem inventou essa brincadeira" (MARTINS, 2000, p.04). Ao observarmos uma criança brincando, veremos que ela transforma um cabo de vassoura em um cavalinho, uma tampa de panela em um volante de carro, uma caixa de papelão em uma televisão, inventa personagens, cria histórias, transforma-se, ela brinca e vive intensamente tudo isto, com um brilho tão intenso no olhar que nada interfere nesse momento de descoberta e aprendizagem.

Assim, nos parece acertado afirmar que o sentido da vida de uma criança é a brincadeira. Elas brincam sozinhas ou acompanhadas, inventam todo tipo de brincadeiras, de forma que, brincando, elas adquirem experiência, elas reproduzem situações concretas, colocando-se no lugar dos adultos, imitando-os e procurando entender seu próprio comportamento. Vygotsky (1989) considera que o desenvolvimento ocorre ao longo da vida e que as funções psicológicas superiores são construídas ao longo dela. Segundo ele, a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso às informações: aprendem a regra do jogo, por exemplo, através dos outros e não como resultado de um engajamento individual na solução de problemas. Desta maneira, aprende a regular seu comportamento pelas reações, quer elas apareçam agradáveis ou não. Para a criança, brincar não é apenas um passatempo, brincar é indispensável à saúde física e, através das brincadeiras, elas desenvolvem a área afetiva, psicológica, emocional, intelectual, cognitiva e social. A criança, quando brinca, mergulha na imaginação e recria, através da brincadeira, a realidade, principalmente coisas que ela não poderia resolver na sua condição de criança, ou seja, as crianças que brincam com a imaginação são capazes de fazer qualquer coisa com a sua fantasia. É o que Dudu nos mostra:

- Vamos brincar de ser?

- Vamos! Eu sou a princesa!

- Eu vou ser a fada!

Mariana e Lili falaram ao mesmo tempo. Elas adoravam essa brincadeira.

- Eu vou ser a bruxa! – disse Dudu.

- Mas, Dudu, homens não podem ser bruxas! Você pode ser um mago...

Dudu não queria, ele gostava mesmo era de ser bruxa. Os amigos da escola acabaram se acostumando. (OMBS, p. 04)

A brincadeira estimula a representação, a imaginação. Quando a criança brinca, ela pode imaginar qualquer situação, lugar, personagem. Ela pode ser quem ela quiser e viver onde ela achar melhor. Todo o seu potencial criativo pode entrar em ação. A infância é a idade do possível. Essa afirmativa é ratificada pelo fragmento acima mencionado, pois as outras crianças, mesmo demonstrando estranhamento quanto a Dudu que, embora sendo menino, gostava de brincar de personagens femininos, percebe-se que “os amigos da escola acabaram se acostumando”. As brincadeiras, portanto, são espontâneas e indispensáveis para a vida de qualquer criança e, de acordo com o pensamento de Piaget,

Estas não são apenas formas de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (PIAGET, 1976, p. 160)

As crianças brincam, porém, na maioria das vezes, observadas pelos adultos que as acompanham, no sentido de sempre estarem no controle de tudo, e que, por se considerarem mais experientes, sabem o que é melhor para as crianças, principalmente as mães, que tanto historicamente como socialmente lhes é conferido esse papel. E com a mãe de Dudu não é diferente, ela não está gostando nem um pouco dessa brincadeira de ser, até porque Dudu quando brinca de Robin Hood quer ser ele, mas quando vê o desenho da Bela Adormecida só quer brincar de ser bruxa, ele gosta muito de ser bruxa. Até que, certo dia, Dudu acordou com uma enorme vontade de brincar de ser e disse a sua mãe:

- Mãe, eu queria ser uma menina!
- Que é isso meu filho? Você tá maluco?
- Não, mãe, é verdade, eu queria mesmo. (OMBS, p. 06)

Sua mãe agora demonstrava não apenas não gostar da brincadeira, mas diante da surpresa de não mais ser brincadeira e sim verdade, ela demonstrava uma verdadeira insatisfação diante do que estava ouvindo. Percebe-se claramente a negação da mãe ao fato de que Dudu como menino não podia desejar ser uma menina. Enquanto se tratava de uma brincadeira, ela até mostrava ser um tanto compreensiva. Mas em se tratando de ser verdade, ela certamente não admitiria. Afinal ela tinha suas convicções. E o distanciamento entre o que ela viveu e aprendeu

quando tinha a idade de Dudu, e o que ela agora observava no seu filho, era oposto ao seu ponto de vista. Um menino com o desejo de ser menina? Como reagir diante de uma situação como esta: você nascer menino, ser um menino e pensar em ser uma menina? Ele é menino, tem corpo de menino, órgãos sexuais de menino, e por que pensar dessa maneira? Tais indagações nos reportam as palavras de Louro (1997, p.21), quando ela diz:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai se constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Como também nos lembram as palavras de Hall (2002, p.13) quando ele também diz:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Isso demonstra que com o passar dos tempos, as sociedades mudam e também mudam os homens que as compõem. É certo que, ao longo do tempo, mudanças aconteceram em nossas vidas, e, é inegável a necessidade de conhecimento, aprofundamento e, sobretudo, um redirecionamento acerca de alguns posicionamentos.

Entretanto, a mãe de Dudu continuava estarecida. E, como toda mãe, decidiu que deveria procurar ajuda para solucionar o "problema". Falou com a professora, procurou ajuda médica, por fim levou o filho a um Psicólogo que, após examiná-lo, afirmou que Dudu é um menino completamente saudável, não apresentando, portanto, nenhum tipo de "doença". Mas Dudu continuava com a mesma brincadeira e reafirmando o seu desejo. Sua mãe, ainda bastante preocupada, lhe disse:

Notadamente, através de - Seu pai nem pode saber de uma coisa dessas, viu?

- Mas, mãe, Por que eu não posso ser menina? Você não é?

- Mas eu nasci assim; você não, você nasceu como seu pai. (OBMS, p.08)

sua fala, a mãe procura determinar para o menino uma forma de agir e comportar-se, fundamentadas em percepções que reforçam um modelo binário da sexualidade. Tal modelo estaria inscrito no universo da heterossexualidade, à medida que divide os sujeitos entre meninos e meninas, sem reflexões que contemplem

possibilidades de questionar as diferentes identidades sexuais que permitem a sociedade. São práticas que privilegiam determinados papéis e acabam desconsiderando um processo histórico de exclusão social, muitas vezes justificado e naturalizado por uma visão essencialista do mundo, em que o gênero é determinado pelo sexo biológico, pela heteronormatividade e por um domínio do patriarcado.

O pai de Dudu, por sua vez, quando um dia se depara com o menino “com um vestido de sua mãe, um sapato de sua tia e uns brincos que sua avó havia esquecido em sua casa”, ele grita: - “Que negócio é esse? Você é mulherzinha”? (OMBS, p.16). Após algumas reclamações e novas providências, o pai disse:

-Amanhã vou matricular o Dudu na escolinha de futebol do clube, ele está precisando praticar esportes.

A mãe não falou nada.

- Dudu, vá colocar uma roupa decente que nós vamos sair, vou comprar uma bola pra você. Você está precisando é de brinquedos de homem. Sua mãe fica comprando essas bobagens de fantasias, de joguinhos. Chega dessas coisas. Vamos logo!(OMBS, p. 20)

A atitude do pai de Dudu parece demonstrar que ele concorda com a mãe, afinal são da mesma geração e viveram e aprenderam as mesmas coisas, talvez até, eles tiveram experiências parecidas. Assim, observamos, indubitavelmente, que tanto o pai como a mãe de Dudu consideram que meninos e meninas devem ser tratados, prioritariamente, por uma referência biológica, na qual seus aparelhos genitais definem sua orientação sexual caracterizada por uma cultura binária e dividida que enfatiza para os meninos brincadeiras com bolas, carrinhos, máquinas, jogos, atividades que remetem à vida pública e fora do âmbito doméstico. As meninas ficam sujeitas as atividades com boneca, miniaturas de móveis, fogão, panelas, casinhas, que remetem à vida privada e ao espaço doméstico, contrariando frontalmente uma organização na qual a mulher cada vez mais ocupa espaços públicos. Porém, os pais da personagem não atentavam para esses detalhes, o seu desejo era ver o seu filho com atitudes de “homem”, isso era o que importava. Então, já no clube, na presença do treinador e dos colegas, Dudu diz:

- Pai, eu quero ir embora, não quero jogar, não quero aprender nada. Não gosto de futebol.

- Se você não ficar quietinho e não fizer tudo o que o treinador mandar, vou lhe dar uma surra bem grande e colocá-lo de castigo!

Dudu morria de medo das surras do pai. Enxugou as lágrimas e foi andando em direção à quadra, pois o treinador já estava chamando. (OMBS, p. 26)

O gosto do pai e a vontade de ver o filho com atitudes semelhantes à sua e aos demais membros da sociedade a qual pertenciam, era imposta a Dudu de forma até violenta. Talvez o pai de Dudu até criticasse o modelo autoritário da geração passada, talvez até já tivesse dito que não repetiria com os filhos os erros que ele viu seus próprios pais cometerem, mas as suas palavras e atitudes não condiziam com este pensamento. Ele não sabia como exercer a autoridade de que dispunha como pai sem recair no autoritarismo, o que dificultava cada vez mais sua relação com Dudu, que por sua vez não tinha o direito ao menos de gostar ou não gostar de alguma coisa. Certamente podemos afirmar que não havia diálogo entre eles, havia apenas interação. O diálogo aqui é entendido não apenas como o fato de que ele existe quando duas ou mais pessoas estão juntas conversando, interagindo uma com as outras; mas especialmente, quando as pessoas estabelecem uma interação em que se consideram iguais nos direitos, preservam suas diferenças, suas peculiaridades, respeitam-se mutuamente, reconhecem no outro alguém digno de lhes ouvir e demonstram sensibilidade para compreender os problemas.

O que efetivamente não acontecia com o pai de Dudu, que na condição de pai, atraía pra si todo o poder e superioridade, demonstrando que só a ele cabia o direito de falar, de ordenar, de decidir e a Dudu restava senão a obrigação da obediência, sem o direito de se colocar, de opinar, de reivindicar ou de ao menos ser ouvido. Parece que o pai da personagem não está sozinho. Certo dia, ele recebe a visita dos avós paternos de Dudu e o clima começa a esquentar. A avó paterna, indignada com o que acabara de saber pelos pais de Dudu, profere um verdadeiro “sermão” a respeito do caso:

Menino homem quem tem que educar é o pai. Quando vocês eram pequenos, seu pai nunca deixou brincar de boneca. Lembro de uma ocasião em que você chorou muito porque queria ganhar uma boneca igual à da sua irmã, mas nós não deixamos; só de pirraça, você ficou sem comer dois dias. Teve aquela vez em que peguei você com um vestido e uma peruca minha: levou a maior surra e ficou de castigo uma semana! Mas valeu a pena, nunca mais você usou as minhas roupas. Agora, vocês... vocês não sabem educar o Dudu. Nunca vi menino ter fantasias de menina! Vocês compram essas coisas e agora querem reclamar!? Acho que agora já é tarde... (OMBS, p.36)

No fragmento acima, a história parece se repetir, o pai de Dudu também gostava de brincar com os brinquedos da irmã e também usava os adereços femininos, e hoje é um “homem”. O curioso é que ele tenta obstruir essas atitudes do menino de todas as formas, encobrendo um passado que revela ter ele agido de maneira muito parecida. Sendo assim, o que Dudu acredita ser sua brincadeira predileta – brincar de ser – passa a ser fonte de dúvidas e incertezas sobre a sua própria condição e identidade. Ele quer virar menina, para garantir que não vai perder o amor da família,

para não mais sofrer as pressões e incertezas sobre quem é ou como deve agir. A respeito dessa incerteza Marilena Chauí comenta:

Outras vezes, estamos confiantes e seguros, e de repente, vemos ou ouvimos alguma coisa que nos enche de espanto e admiração, não sabemos o que pensar ou o que fazer com a novidade que vimos ou ouvimos porque as crenças, opiniões e idéias que possuímos não dão conta do novo. O espanto e a admiração, assim como antes a dúvida e a perplexidade, nos fazem querer sair do estado de insegurança ou de encantamento, nos fazem perceber nossa ignorância e criam o desejo de superar a incerteza. Quando isso acontece, estamos na disposição de espírito chamada busca da verdade. (CHAUÍ, 2000, p. 88)

Então, que mal há nas brincadeiras de Dudu? Por que seus pais e agora sua avó reclamavam e proibiam suas brincadeiras? Parecia haver “algo” que os perturbava e que eles simplesmente não falavam sobre isso, nem mesmo entre eles. Há uma forte tendência, por parte dos adultos, a cada geração, de considerar que “no seu tempo” as coisas eram melhores, menos violentas ou problemáticas. Porém, há de se questionar: em se tratando de outras gerações (pais, avós), como aproveitar a experiência acumulada através dos anos vividos e utilizá-la como aprendizado e suporte na experiência atual para formar cidadãos plenos? Como utilizar a bagagem temporal adquirida através da quantidade dos anos de vida, e transformá-la em instrumento para a compreensão e adequação ao surgimento de novas realidades? No entanto, o que se observa aqui, na figura da avó paterna, é mais uma pessoa a manter o discurso tradicionalista, demonstrando uma notável dificuldade em estabelecer um diálogo. Ao contrário, em seu discurso, ela apresenta “razões” diversas para o “problema” de Dudu, sugerindo ainda possíveis punições que poderiam “resolver” o caso.

Enquanto isso:

Dudu entrou na sala com o vestido da mãe, os sapatos da tia e os brincos da avó.

- Meu Deus! Que é isso, Dudu? – falou a avó.

- Meu filho, vá tirar essa roupa! – falou a mãe.

- Meu Deus! Meu único neto! – disse o avô.

- Mulherzinha! – gritou o pai. (OMBS, p. 38)

Dudu não conseguia entender a causa de tamanha reclamação, quando:

Nesse momento chegou a outra avó:

- Meu filho como você está bonito!

Todos olharam para ela espantados.

- Ta vendo!? Descobri, a culpa é da senhora, sempre achei que a senhora fazia vontades demais pra esse menino. Agora veja só no que deu!

- Mas o que houve por aqui? Por que todos vocês estão com essa cara?

Dudu olhava para um, para outro. Acho que ele não sabia que atitude devia tomar. A outra avó perdeu o embaraço:

- Dudu, venha me dar um beijo, estou morrendo de saudades. (OMBS, p.42)

A mãe de Dudu, rapidamente, foi logo dizendo:

- Mamãe, o Dudu disse que queria ser uma menina.

- Mas o que tem isso? Você já quis ser tanta coisa na vida. (OMBS, p. 44)

E Dudu também foi logo entrando em cena:

A outra avó era muito legal, Dudu gostava muito dela.

- Vó, eu queria muito ser menina.

- É, meu filho? Por quê?

- Menina pode passar batom, pode colocar enfeites no cabelo...

- É, realmente, eu não vejo homens de batom pelo meio da rua. Antigamente, homem não usava brincos; hoje em dia já usa. Quem sabe, um dia, também não vai usar batom?

- Será, vó? Aí acho que eu nem ia precisar ser menina. (OMBS, p.46)

Com a chegada da avó materna de Dudu e ao observar os fragmentos acima, percebe-se claramente que ela era diferente. Os avós paternos e os próprios pais de Dudu, numa atitude característica de não querer “assumir” a responsabilidade pelo “problema”, transfere-o para a avó materna de Dudu, responsabilizando-a e culpando-a pelo comportamento dele. Ela, por sua vez, livre de qualquer preocupação ou julgamento, demonstra, incondicionalmente, seus sentimentos e seu afeto por ele, que, de maneira tranqüila e segura, começa a contar-lhe tudo o que está acontecendo com ele e sobre o seu desejo de ser menina. Ela, prontamente, passa a ouvi-lo. O diálogo, então, começava a fluir, o que lhes proporcionava uma relação de confiança e respeito mútuo. O pequeno Dudu sai em busca da verdade, auxiliado pela avó materna, uma das poucas pessoas que o compreende e o aprova. O discurso da avó apresenta-se, nesse sentido, como uma espécie de linha de segurança que o conduzirá à descoberta de sua identidade.

Primeiro, ele deseja que ela descubra a verdade sobre o mito do arco-íris, pois acredita que pode passar por baixo do mesmo e se transformar numa menina.

- Vó, mas se eu passar eu vou virar menina para sempre? Nunca mais vou poder ser eu mesmo?

- Acho que sim, você vai ser outra pessoa. (...)

Dudu ficou radiante: - Vó, meu pai vai ver só, depois que eu virar menina ele não vai poder fazer nada. Vai parar de ficar me atormentando pra jogar futebol, nunca mais vai dizer pra eu não trazer desaforos pra casa, vai parar de implicar com os meus brinquedos... Vai até comprar aquela boneca de que eu gostei. E, depois, acho que ele nem vai mais me bater com tanta força, porque ele sempre diz que em mulher não se bate. (OMBS, p.48)

Dudu continua conversando com a avó, e, ela lhe pergunta:

- Ele ainda bate muito em você?

- Bate! Outro dia fiquei todo marcado!

- Por que ele bateu em você?

- Porque eu tava brincando de ser. Ele não gosta que eu brinque disso. Tinha que ver, ele ficou uma fera! O Pedro e a Carol até foram embora com medo dele.

- Nesse dia você ia ser o quê?

- Eu nem ia ser menina, ia ser o mago; o Pedro é que ia ser a princesa, e a Carol ia ser o príncipe. Mas ele disse que aquilo não era brincadeira de homem.

Dudu parou um pouco de falar, foi se acalmando e ficou olhando para a avó, pensativo, enquanto ela passava as mãos nos cabelos dele.

- Vó, se eu virar menina, será que ele vai gostar de mim? Ele gosta tanto da Julinha! Toda vez que ela vem aqui com a minha tia, ele fica todo bobo com ela... (OMBS, p. 50)

Dudu parecia ter seus motivos, e enquanto sua avó o ouvia e o acariciava, ele ia lhe contando tudo o que se passava com ele. Através dos fragmentos acima, constata-se que é recorrente na narrativa o tratamento agressivo e violento do pai com Dudu, a incompreensão para com ele e com os colegas acerca das brincadeiras, a falta de diálogo entre eles, as pressões, as punições e as implicações para com ele, e é perceptível o fato de Dudu não se sentir aceito nem amado pelo pai, o que só dificulta a relação entre os dois. E veja só, Dudu é uma criança, tem apenas seis anos e seus pais não conseguem estabelecer um diálogo para ajudá-lo a conviver com suas dificuldades. Aliás, seja qual for a idade, é extremamente importante que os pais possam se dispor a ouvir o que eles tem a dizer, comentar com eles sobre o assunto que está em pauta, ouvir as opiniões deles e também lançar as suas, numa troca efetiva e saudável de experiências. Qualquer que seja a fase da vida, o equilíbrio e o bom senso deve prevalecer sempre. A avó de Dudu não só sabia que ele tinha apenas seis anos, como também sabia que era através das relações interpessoais, das

subjetividades interpostas nessas relações, das experiências vivenciadas e compartilhadas por ele no seio da família e no âmbito social, que se daria a formação de sua identidade, pois, segundo Silvério (1999, p.47), “ter uma identidade supõe não apenas ter o conhecimento do que a pessoa é, mas também o conhecimento que os outros fazem dela (identidade para os outros)”. E assim, a avó com muita paciência e dedicação, continuava:

-Dudu, seu pai gosta de você. Às vezes pode não parecer, mas ele gosta. Os pais sempre gostam dos filhos, mas tem horas que a gente faz algumas besteiras com nossos filhos....

- Mas você nunca fez, não é?

- Claro que já, pergunte a sua mãe. Ela deve ter um monte de queixas... (OMBS, p.52)

É impressionante a demonstração de maturidade, equilíbrio, sensatez e sabedoria da avó do menino. Em momento algum ela faz nenhum comentário sobre o pai ou algum outro membro da família, de maneira a colocar a criança contra eles, ela tem consciência de que diferentes posturas, por si só, já são geradoras de conflitos e o seu intuito é de poder ajudar o neto no que for necessário. Então, muito pelo contrário, mesmo sabendo da admiração e do amor que Dudu nutre por ela, a avó do menino se coloca como uma pessoa passível de erros numa demonstração de que é humana e como tal não é perfeita.

Num outro momento, a avó de Dudu convidou-o para ir ao teatro com uma amiga dela, e o menino falou:

- Vó, ainda bem que o meu pai não está em casa, senão ele não ia deixar eu ir. Ele falou pra mamãe que não queria que eu saísse com você.

- Bobagem, ele falou sem querer, é porque ele tava nervoso. Agora, vamos logo, que já está começando a chover. (OMBS, p. 66)

(...)

“Chegaram cedo. A amiga da avó já estava lá e, como conhecia os atores, convidou o Dudu para ir até o camarim. Dudu adorou. Os homens estavam se fantasiando, e as mulheres também. Todos passavam batom. Um dos homens colocou uma meia fina, igualzinha à da mãe do Dudu, toda rendada.

A peça acabou, e o Dudu quis outra vez visitar o camarim. Os atores estavam tirando a maquiagem e guardando as roupas.

- Aqui homem pode passar batom? – perguntou Dudu para um rapaz que estava tirando a maquiagem.

- Claro! Depende do personagem que a gente interpreta.

- Homem pode brincar de ser mulher e mulher pode brincar de ser homem, que ninguém liga?

- Mas claro que pode! Esse é o nosso trabalho: cada dia a gente pode ser uma coisa diferente... (OMBS, p.68)

(...)

Na verdade ele havia gostado mais de ver os atores se arrumando. Mas preferiu não dizer nada.

-Vamos, vó?

A avó notou que Dudu estava muito calado, mas resolveu não perguntar nada. (OMBS, p.70)

A ida de Dudu ao teatro possibilitava-lhe o contato com o novo, o diferente, e ele descobre, no camarim, a existência de adultos que podiam brincar livremente de ser, uma metáfora que nos lembra os vários papéis que podemos exercer na vida. A avó, por sua vez, abria um leque de possibilidades, ampliava a visão de mundo do menino, para que ele através das experiências vivenciadas tivesse a oportunidade de ir se descobrindo.

Chegou o dia tão esperado em que finalmente Dudu estava em frente ao arco-íris, era só ele passar três vezes embaixo dele e desejar ser menina que seu desejo seria realizado. No entanto,

Dudu confiava muito na avó, ela era muito legal com ele, nunca mentia.

- E aí? Tá com medo de ser menina?

Dudu ficou pensando, pensando, pensando...

- Vó, você me ajuda a falar com o meu pai?

- Que você virou menina?

- Não, vó. Você me ajuda a falar com ele pra ele gostar de mim assim do jeito que eu sou? Pra ele deixar eu brincar de ser todas as vezes que eu quiser? Pra ele deixar eu não gostar de futebol? E pra ele não me bater mais com muita força?

Dessa vez, foram os olhos da avó que se encheram de lágrimas. Ela abraçou Dudu muito forte e disse:

- Claro, meu amor! (OMBS, p.72)

(...)

- "Vó, acho que eu quero continuar sendo eu. Não quero virar menina pra sempre. (OMBS, p. 76)

Mais uma vez, é recorrente na narrativa, todo o conflito da personagem parece girar em torno da relação dele com o pai. E o erro do pai evidencia-se, então, duplamente: Dudu está sendo ensinado a fazer suas opções única e exclusivamente para obter aprovação e aceitação dos outros. Ele já tem internalizada a noção de que "em menina não se bate", encontrando aí uma maneira de fugir das agressões

paternas – físicas e verbais. Por outro lado, fica evidente o rompimento que se dá em seu mundo de faz-de-conta, o que já lhe ocasionou marcas profundas.

Retomando o pensamento de Marilena Chauí, para ela, a busca da verdade, ao mesmo tempo em que gera liberdade, está ligada às sensações de decepção, perplexidade e insegurança. Neste sentido, o rompimento de Dudu com seu desejo inicial de se tornar uma menina permite-lhe se afirmar uma condição de maior liberdade. É diante do espanto e da admiração ao reconhecer um fato novo – o de que não deseja deixar de ser menino – que Dudu acaba definindo sua identidade multifacetada. De acordo com Chauí:

Podemos, dessa maneira, distinguir dois tipos de busca da verdade. O primeiro é o que nasce da decepção, da incerteza e da insegurança e, por si mesmo, exige que saíamos de tal situação readquirindo certezas. O segundo é o que nasce da deliberação ou decisão de não aceitar as certezas e crenças estabelecidas, de ir além delas e de encontrar explicações, interpretações e significados para a realidade que nos cerca. Esse tipo é a busca da verdade filosófica. (CHAUÍ, 2000, p.90)

Essa atitude filosófica levou Dudu a reconhecer suas brincadeiras como parte de um jogo teatral incompreendido pelos adultos. Ao dar corpo a essa compreensão, ele descobre um meio de se exilar dos massacres sociais a que foi submetido e seu ritual de passagem finalmente se completa. O que certamente não significa dizer que a personagem tenha definido sua identidade, pois, concordando com Hall (2002), “o processo identitário está sempre em processo, implica um reposicionamento interminável dos termos das relações, dos cruzamentos, dos confrontos”. Tal constatação nos remete também as palavras de Kaufmann (2004, p.80), quando ele diz:

É preciso distinguir, radicalmente, indivíduo e identidade e combater as ilusões subjectivistas, que deixam pensar que o indivíduo é livre de se inventar como o deseja, quando ele não é senão produto da sua história, da troca com os contextos em que se inscreve.

E, obviamente, a história continua. Dudu é um garotinho de apenas seis anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Silveira Bueno, verifica-se, no dicionário de língua portuguesa, que o verbete “ser” significa: ter um atributo ou um modo de existir; ficar; pertencer; ter natureza de; causar; produzir; consistir; ser formado de; ser digno. (Verbo irregular. Pres. Ind.: sou, és, é, somos, sois, são... (...). s.m. Aquele ou aquilo que é; ente; existência; realidade: tudo o que existe, tudo o que foi criado (BUENO, 2001, p.710).

Através da história da personagem Dudu, percebe-se que, ao mesmo tempo em que a palavra “ser” surge com a conotação de categorias de personagens infantis, esta sugere a própria natureza humana, ou seja, “tudo o que existe”. Assim, ancorados nos estudos recentes sobre identidades e subjetividades de indivíduos na atualidade, especialmente nos estudos considerados pós-modernos, é possível inferir que o sujeito contemporâneo apresenta múltiplas identidades e diferentes modos de subjetivação, inseridas em relações de forças intensas e conflitantes. Homens, mulheres, crianças, os seres humanos são afetados pelo discurso ou pelos discursos culturais, são portadores e produtores de significados, estão sujeitos a interpretações e são sujeitos de interpretação (HALL, 2000).

Sendo assim, é importante ressaltar que a história contada pela autora permite refletir sobre a construção da identidade de gênero, imposta pela sociedade patriarcal que define papéis para homens e mulheres, expressa através do diálogo entre gerações no cenário familiar, que é onde aprendemos a nos definir como diferentes e enfrentar os conflitos de crescimento.

Indubitavelmente, esta discussão não se esgota aqui, ao contrário, apenas pretende instigar a análise do tema em questão em narrativas como estas, que nos auxiliam a construir a alteridade diante do outro, promovendo maiores espaços de cruzamento de culturas, mediando e possibilitando reflexões ainda mais plurais junto às próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. Tradução Yvonne Mantoanelli. São Paulo: 2005.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CRIPPA, Adolfo. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si – uma teoria da identidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. São Paulo: DCL, 2000.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Revista USP**. São Paulo, n.42, p.44-55, junho/agosto, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.